

# A COLECIONADORA DE PEDRAS

Ilan Brenman



© Beatriz Castro

## Resenha

Enquanto algumas crianças costumam olhar para o alto, Vivi está sempre com os olhos voltados para baixo. A verdade é que nada lhe fascina mais do que encontrar novos itens para a sua sempre renovada coleção de pedras. A garota se apaixonou por esse mundo de criaturas silenciosas depois que o pai lhe contou o quanto de memória secreta estava guardada debaixo da superfície sólida: afinal, as rochas são uma das coisas mais antigas da Terra – algumas delas foram pisadas até mesmo pelos extintos dinossauros. A partir desse episódio, Vivi se mostra sempre atenta em busca de pedras onde quer que seja: praia ou montanha, lago ou neve. É possível encontrar pedras fascinantes tanto em lugares próximos, como o pátio da escola ou o parque do bairro, quanto em lugares distantes, como desertos e cavernas.

Vá para onde for, Vivi leva sempre pedras nos bolsos: há quem estranhe, mas seus verdadeiros amigos e os familiares próximos já estão acostumados ao tempo, cuidado e paixão que a menina dedica à sua coleção. Conviver com uma colecionadora de pedras tem suas vantagens: afinal, quem mais podia saber qual a pedra certa para jogar amarelinha? Para proteger do vento os papéis do



Coordenação:  
Maria José Nóbrega

escritório? Para aquecer suavemente nossas costas em um dia de exaustão?

No delicado *A colecionadora de pedras*, Ilan Brenman nos convida a direcionar os olhos para baixo, como a protagonista, e dar-nos conta da presença das pedras, essas testemunhas silenciosas do passado que costumam atravessar o nosso caminho, sem alarde, todos os dias. Dedicado aos colecionadores, o livro nos lembra que colecionar pode ser uma maneira de conhecer – uma lenta aprendizagem que depende de uma escuta atenta às especificidades únicas de cada item da coleção. Colecionar é, afinal, uma prática não utilitária e, por isso, só pode ser efetiva se for movida por alguma espécie de paixão. Atentar para as muitas particularidades, camadas e nervuras das pedras é lembrar que o planeta possui uma história muito mais longa do que aquela que podemos formular com palavras.



## Depoimento

De Maria Fernanda Silva Pinto,  
*professora e mãe*

Foi assim: nos ajeitamos no sofá, aconchegadas com uma manta que anunciava os ventos do outono, e começamos a leitura. Juntinhas, depois de um dia cheio de obrigações do mundo adulto, pudemos conhecer Vivi e sua fantástica coleção de pedras.

Logo nas primeiras páginas, percebi que Dandara não sabia bem o que afinal era ser uma colecionadora. Tentei explicar-lhe que muitas pessoas gostam de guardar consigo certos tipos de coisas que acham bonito ou interessante e que Vivi havia se encantado pelas pedras. Essa foi a deixa para minha filha se identificar como uma verdadeira colecionadora de folhas!

Coletar coisas da natureza tem se tornado uma paixão gostosa para nós. Moramos ao lado de uma praça escondidinha, repleta de grandes árvores. Todos os dias, ainda na hora do sol, posicionamos nossas máscaras e saímos brevemente para a coleta. Na volta para casa, as folhas firmes e largas se transformam em pequenas instalações, pintadas com muito guache e muita farra.

Confesso que eu não tinha percebido que estávamos criando uma coleção. Mas vejo que Dandara está mesmo certa. Afinal, como bem nos mostra Vivi, toda coleção tem um pouco de ciência. As coletas rapidamente nos levaram a novos questionamentos e observações. Descobrimos que aquelas árvores tão deslumbrantes que dominam nosso refúgio são falsas seringueiras. E como já virou costume por aqui, minha filha quis saber como as árvores eram por dentro. Lá fomos nós buscar fotografias em estudos de botânica.

A riqueza das ilustrações feitas por Beatriz Castro criou nela uma infinidade de vontades: posso também colecionar flores? Flores de muitas plantas? Da casa da vovó, do parquinho? Sim, pode! Conteí a ela que, quando criança, criei uma coleção de flores secas dentro de um caderno. Lembrei também que meu pai havia colecionado discos de vinil por muito tempo.

Daí em diante, decidimos fazer uma investigação e começamos a telefonar para as pessoas que amamos para saber se elas também colecionam coisas. Foi assim que descobrimos que minha irmã ainda guarda sua coleção de pedras, que meu namorado coleciona selos desde menino e que a filha dele colecionava exoesqueletos de insetos! Uau!

As pedras de Vivi guardam narrativas sobre ela e sobre o mundo. Histórias que Vivi contará e outras tão antigas que jamais saberemos. Penso que toda coleção é um pouco assim: fala de nós, de nossas histórias e memórias, mas também nos transborda, conectando-nos com a infinidade de possibilidades a que chamamos mundo. Os livros de Ilan Brenman têm essa riqueza gostosa de serem criados a partir das vivências de suas filhas. Reunir os livros amados não deixa de ser uma coleção de memórias!



## Um pouco sobre o autor

**Ilan Brenman** tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras

ganham selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: [www.bibliotecailanbrenman.com.br](http://www.bibliotecailanbrenman.com.br).



## Leia mais...

### Do mesmo autor e série

- ✦ *A dobradura do samurai*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O pó do crescimento*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *O mistério de Daniel*. São Paulo: Moderna.

### Do mesmo gênero ou assunto

- ✦ *Fada Cisco Quase Nada*, de Sylvia Orthof. São Paulo: Ática.
- ✦ *Aqui, bem perto*, de Alexandre Rampazo. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Sua Alteza, a Divinha*, de Ângela Lago. Belo Horizonte: RHJ.
- ✦ *A máquina de retrato*, de Lúcia Hiratsuka. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Eu acredito*, de David Machado. São Paulo: Salamandra.

